

LITERATURA DE FLUXOS MIGRATÓRIOS E GUERRAS

LITERATURE OF MIGRATORY FLOWS AND WARS

DOI 10.20873/uft2179-3948.2022v13n2p4-19

Dionei Mathias¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo discutir a figuração de guerras, no horizonte de produções ficcionais oriundas do contexto de fluxos migratórios. A primeira parte se dedica a uma discussão teórica, cuja finalidade é problematizar o nexo entre guerras e narrativas identitárias, com base em três pressupostos: (1) guerras precisam de uma mobilização narrativa para eclodir, (2) membros de um grupo precisam mobilizar essa narrativa para a representação do si e (3) guerras modificam substancialmente os fundamentos de narrativas identitárias. Na sequência, o artigo se utiliza da metodologia comparatista para discutir dois romances contemporâneos, escritos em alemão: *Tauben fliegen auf* (2010) de Melinda Nadj Abonji e *Jacob beschließt zu lieben* (2011) de Catalin Dorian Florescu.

Palavras-chave: Guerra; Melinda Nadj Abonji; *Tauben fliegen auf*; Catalin Dorian Florescu; *Jacob beschließt zu lieben*.

Abstract: This article aims to discuss the figuration of wars, taking into account fictional texts produced in the context of migratory flows. The first part is dedicated to a theoretical discussion. Its purpose is to problematize the nexus between wars and identity narratives, based on three assumptions: (1) wars need a narrative mobilization to erupt, (2) members of a group need to mobilize this narrative for the representation of the self and (3) wars substantially modify the foundations of identity narratives. In the second part, the article uses the comparative methodology to discuss two contemporary novels, written in German: *Tauben fliegen auf* (2010) by Melinda Nadj Abonji and *Jacob beschließt zu lieben* (2011) by Catalin Dorian Florescu.

Keywords: War; Melinda Nadj Abonji; *Tauben fliegen auf*; Catalin Dorian Florescu; *Jacob beschließt zu lieben*.

Introdução

Na literatura de fluxos migratórios, a guerra representa um elemento recorrente em sua representação ficcional. Escritores das mais diversas origens abordam em suas produções

¹ Doutor em Letras. Professor do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: dioneimathias@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8415-1460>.

literárias os efeitos de conflitos armados tanto para o espaço sociocultural compartilhado como para os indivíduos que nele circulam. Nos mais diversos gêneros ficcionais, essas vozes buscam compreender a gênese dos conflitos e, sobretudo, seu impacto sobre a experiência individual. As soluções estéticas obviamente são múltiplas. Elas podem estar organizadas por meio de narrativas lineares, com um interesse na oferta de causas e efeitos, progredindo temporalmente com um antes, durante e depois do conflito. Elas podem optar por uma estrutura não linear, mesclando a sequência de acontecimentos tanto no nível causal como temporal, trazendo diferentes perspectivas e experiências. Elas também podem abdicar completamente da ordem sequencial e temporal para ilustrar a (des)ordem traumática, como ilustra Seligmann-Silva (2016), em outro contexto.

Na literatura, a representação da guerra não é recente. Em todos os períodos literários e literaturas nacionais, há textos que, de uma ou outra forma, abordam formas e consequências de conflitos armados. Conflitos bélicos tendem a ocorrer entre espaços nacionais ou agrupamentos socioculturais, podendo se restringir a um único país, em forma de guerra civil, ou ocorrer entre diferentes estados. Nas duas situações, a literatura encena o embate das diferentes narrativas simbólicas e seu resultado para a concretização existencial, no plano ficcional das personagens. A metodologia comparatista se revela especialmente profícua nesse contexto. Com efeito, ela permite refletir como a ficção aborda a guerra em diferentes épocas, como ela encena diferentes perspectivas e, sobretudo, como ela se dedica a recuperar a complexidade da experiência individual. O comparatismo também permite treinar o olhar a identificar se textos literários se inserem numa prática de automatização imagética, no bojo do imperativo midiático, ou se buscam desautomatizar os processos de decodificação, a fim de garantir que seus potenciais de sentido possam, de fato, impactar.

Nesse horizonte, este artigo busca refletir sobre a guerra e suas dimensões de sentido. A primeira parte propõe uma discussão teórica, a fim de traçar os ângulos da perspectiva, por meio da qual decodifica a ficcionalização de conflitos bélicos. A segunda parte apresenta uma análise comparatista para ilustrar a argumentação teórica, tendo como objeto de estudo os romances *Tauben fliegen auf* (2010) de Melinda Nadj Abonji e *Jacob beschließt zu lieben* (2011) de Catalin Dorian Florescu. Ambos os textos buscam sensibilizar para a complexidade desse fenômeno, desencadeando por meio da ficção percursos de percepção que buscam desconstruir a lógica dicotômica. Ao mesmo tempo se inscrevem numa prática literária cujo esforço reside em revisitar “espaços traumáticos” (BIZULEANU, 2016, p. 83).

1. Dimensões teóricas

O escopo semântico do lexema “guerra” é amplo e envolve muitas formatações, com pressupostos diversos. Assim, os significados que emergem de seu uso dependem das contextualizações e diferenciações para cada caso, a exemplo de guerra entre estados, guerras civis, guerras entre grupos étnicos ou religiosos, guerras cujo objetivo é invasão e dominação ou defesa e proteção. Em todas essas situações, o posicionamento dos indivíduos envolvidos nos respectivos conflitos traça coordenadas centrais para tecer reflexões sobre as dimensões do sentido que se materializa nessa encruzilhada. Com foco justamente nesse posicionamento, a discussão que segue apresenta algumas reflexões sobre a intersecção entre guerra e identidade, com base no pressuposto de que os impactos de conflitos bélicos se revelam de forma intensa a partir da administração das narrativas do si. Nesse sentido, a exposição teórica prevê três passos: (1) guerras precisam de uma mobilização narrativa para eclodir, (2) membros de um grupo precisam mobilizar essa narrativa para a representação do si e (3) guerras modificam substancialmente os fundamentos de narrativas identitárias.

Parece ser plausível afirmar que não há guerra sem mobilização narrativa e que essa mobilização ocorre, muito tempo antes da eclosão de qualquer conflito bélico. Para canalizar a energia física, cognitiva e emocional de todo um grupo (elite administrativa, exército, povo, etc), é necessário, antes de mais nada, apresentar um fundamento narrativo que legitime a opção pela violência, ao menos no que diz respeito à perspectiva do agressor. Para essa fundamentação, o processo de ideação da narrativa requer origens, desenvolvimentos, finalidades para a representação do grupo. Nesse horizonte, a nação tem um lugar de destaque, servindo como instrumento de mobilização. O conceito de “comunidade imaginada” de Anderson (2008) pavimenta o caminho para essa reflexão.

A instituição da nação como estratégia de organização do espaço da vida depende substancialmente de uma narrativa solidamente estruturada e que sirva de instrumento por meio do qual se passa a enxergar a realidade. No século XIX, países como Alemanha, Itália, mas também o Brasil dedicaram uma parte expressiva de sua energia intelectual em idear uma narrativa representacional. Os motivos foram múltiplos e as finalidades a serem alcançadas eram diversas, mas em todas as situações a consolidação dependeu da mobilização de diferentes formatações discursivas, incluindo a literatura. Para a instalação de uma imagem de grupo e de uma versão da realidade que legitime canalizar energia em massa, é necessário um investimento amplo e em inúmeras frentes.

A gênese da nação, não raramente esteve, atrelada a conflitos armados. Por um lado, a imagem da nação se opunha a formas anteriores de organização da vida social, representando, portanto, resistência à dinâmicas estabelecidas de poder, como a monarquia (na França), os centros imperiais (nas Américas) ou à fragmentação excessiva (na Alemanha). Um vetor importante na organização dessa narrativa residia na promessa de mais liberdade, igualdade e fraternidade, imaginando um espaço mais democrático em que mais atores sociais podiam ter acesso aos recursos disponíveis. A estratégia de representação adotada modificou o papel dos diferentes membros dessa comunidade, impelindo um número substancial de pessoas a encontrar identificação nessa narrativa e, por consequência, disposição para canalizar sua energia para a concretização social de suas promessas.

A história ensina que a narrativa da nação não foi utilizada somente para a consolidação de espaços democráticos. Pelo contrário, a identidade de grupo ideada por essa narrativa, frequentemente, foi mobilizada para outras finalidades, sobretudo, para a obtenção de mais recursos e para a extensão da esfera de poder de um número reduzido de membros desse espaço de representação. Regimes autoritários se utilizam dessa estratégia, a fim de implantar sua visão de mundo e manter a distribuição de poder, em consonância com seus projetos de futuro. A nação como narrativa, portanto, sempre comporta essas duas possibilidades representacionais: a implantação de mecanismos para consolidação do convívio democrático, mas também de mecanismos totalitaristas.

Narrativas nacionais fazem ofertas (ou imposições) de identificação. Elas tecem interpretações sobre a organização do espaço social, com suas hierarquias ou legitimações, mas também incluem elos causais para distribuição e obtenção de recursos. Evidentemente, não há somente uma versão de como imaginar o espaço. O embate entre as diferentes perspectivas e seu escopo de poder vão definir a narrativa dominante. Com essa questão pacificada, cabe verificar como se dá a administração da narrativa. Ele pode se abrir para a diversidade e para a constante inovação de seus pressupostos ou ela pode se fechar completamente, funcionando como versão única, sem tolerância para alternativas, transformando as dinâmicas de administração do sentido.

O nexos que liga a discussão entre a narrativa de nação e a guerra é a canalização de energias. Como indicado anteriormente, parece ser pouco plausível imaginar conflitos bélicos (especialmente no papel de agressor), sem que antes haja uma mobilização substancial, fundamentada numa narrativa nacional que legitime a agressão e o dispêndio de recursos físicos, econômicos, emocionais e morais. Conflitos bélicos ocorrem para defender algo

(territórios, ideologias, recursos, etc.) e essa defesa precisa estar inserida numa narrativa que ofereça uma explicação de mundo, legitimando ações e interpelando indivíduos a adotar essa rede causal, para concretizar suas ações.

Narrativas não impactam se não forem mobilizadas. Todo espaço sociocultural apresenta uma diversidade de narrativas que podem ser adotadas como instrumento individual de representação (HANSEN, 2003). Nisso, a narrativa macrossocial a nível de nação se encontra numa simbiose com a microesfera da identidade individual. Isto é, as versões dominantes de representação de um espaço dependem de seu acolhimento, por um número substancial de membros dessa comunidade. A configuração dessa intersecção pode ser múltipla. Em espaços abertos ao diálogo, posturas consonantes e dissonantes podem conviver de forma pacífica, negociando e revisando as tessituras, de modo a encontrar um caminho aceitável para todos. Em situações de fechamento ao diálogo, instalam-se estratégias de silenciamento e perseguição. O grau de abertura para o diálogo define o escopo de liberdade para a ideação das narrativas individuais. Nessas diferentes configurações, macro e microesfera se encontram num fluxo dinâmico.

Se no nível nacional os recursos a serem obtidos por meio de conflitos armados eram, sobretudo, territoriais e econômicos, no plano individual, o pertencimento parece ter um papel de destaque. Narrativas identitárias são construídas com base na gestão de diferentes recursos (afetivos) e simbólicos, instaurando uma posição por meios dos diversos pertencimentos a que um indivíduo se sente afiliado (KEUPP, 2002). O posicionamento individual frente às narrativas que circulam num espaço prometem, portanto, acesso à sensação de pertencimento. Em nome desse recurso – e claro, somam-se a ele os recursos que emergem desse status – indivíduos adotam as práticas simbólicas que legitimam a guerra e as inserem em seus mecanismos de autorrepresentação. Ou, no caminho inverso, se recusam a aceitá-la, no marco da oposição. Em outros cenários, especialmente da guerra civil, atores sociais optam pelo conflito armado para defender o pertencimento a uma sociedade mais igualitária ou não totalitária.

Em todos esses cenários, indivíduos são interpelados a mobilizar uma narrativa, com a promessa de obtenção ou extensão da agência. Seus posicionamentos diante das ofertas existentes não definem exclusivamente, mas viabilizam ações bélicas. Nisso, os afetos fundamentam as ações. Não raramente, narrativas representacionais também configuram disposições afetivas, definindo alvos do ódio, mas também de indignação. Ofertam-se os elos causais e as teleologias para suscitar uma disposição afetiva que posteriormente incita à ação e

viabiliza a mobilização de energias, em consonância com a narrativa que a produziu. Nesse movimento, o foco não é tanto diferenciar nem compreender a complexidade da situação, mas sim investir na construção de uma imagem sólida que facilite a adoção da respectiva narrativa como norte para a construção identitária individual.

A eclosão de conflitos bélicos está atrelada, de uma ou de outra forma, a relações identitárias e suas narrativas subjacentes. Uma vez que sua eclosão se encontra desencadeada, os conflitos bélicos passam a determinar, em grande medida, o modo como narrativas de identidade podem ser imaginadas e concretizadas. Se antes havia uma ordem que traçava as coordenadas para a concretização, o conflito causa uma ruptura profunda na dinâmica de posicionamentos e movimentos na cartografia sociocultural. A ordem do projeto civilizacional oferece alguma segurança no que diz respeito à previsibilidade das ações e dos planejamentos futuros. Com a violência bélica instalada, essa segurança se esvai, acompanhando a fragmentação da solidez institucional, de acordo com a intensificação do conflito.

Ao lado da incerteza e da fragmentação da ordem, a violência impacta no modo como narrativas identitárias podem ser concretizadas. A natureza da violência no contexto de conflitos bélicos é múltipla. Além da dinâmica de ataque e defesa, inúmeros atores sociais são tragados pelo vórtice da guerra. Nesse horizonte, não é mais a ordem da lei que coordena as ações, mas sim o princípio da violência e da destruição. A tessitura de identidade deixa de investir na potencialização dos recursos individuais, para focar quase que exclusivamente na manutenção da vida, na integridade física do corpo e na estabilidade emocional. Mulheres, crianças, idosos, pessoas fragilizadas acabam sendo alvos de uma violência gratuita cujo impacto não se limita ao momento do conflito, acompanhando o indivíduo como sedimento traumático nas fases posteriores.

Com o desencadeamento de conflitos armados, a incursão da barbárie não está distante. Num cenário de fragilização da ordem democrática e da canalização racionalizada do ódio, o uso da força bruta e a lei do mais forte crescem exponencialmente, de modo que a dignidade e a vida alheias se tornam secundárias. Respeito à vida e à dignidade do outro resulta de uma ordem cultural, em que se estabelecem regras de convívio e formas de imaginar a concretização existencial do indivíduo. Desse modo, onde impera a lei da força bruta as conquistas do processo civilizacional se pulverizam, criando um conjunto de condicionantes diferentes para estabelecer narrativas identitárias. A eclosão da guerra, a ruptura da ordem, a irrupção da barbárie evidentemente não elidem a narração individual do si, mas essas dimensões impõem outras coordenadas para idear as imagens de autorrepresentação.

Muitos textos literários escrutinam os impactos da guerra, voltando sua atenção para a imaginação do si e para a concretização de ações no universo diegético. Ao representar os antagonistas, com suas dinâmicas individuais de gerir narrativas e legitimar ações, textos literários problematizam as configurações de sentido que subjazem a esses pressupostos, evidenciando as modalidades de apropriação de realidade e suas consequências para a concretização existencial. Nisso, suscitam questionamentos sobre a canalização dos ódios, sobre as lógicas de oferta e procura de narrativas identitárias, sobre as consequências das incursões da violência e da barbárie. Muitos textos literários têm um interesse em desautomatizar crivos de percepção e modalidades de interação, imaginando outras formas de enxergar o convívio social. Nisso, dedicam uma atenção especial à crítica social como diálogo com o espaço da vida.

Na literatura de fluxos migratórios, os conflitos bélicos têm um papel central, pois figuram, com alguma frequência, entre os motivos que desencadeiam a imigração, por exemplo a guerra civil libanesa nos romances de Abla Farhoud, que escreve em francês, ou a guerra nos Bálcãs nos textos de Dragica Rajcic, que escreve em alemão. A grande maioria de escritores que se afilia à literatura de fluxos migratórios passa a escrever na língua do país de acolhimento, escrevendo para um público, portanto, cujo único acesso aos acontecimentos bélicos é sua representação por meio de mídias televisivas, visuais ou virtuais. Seu esforço, por conseguinte, parece residir em criar uma tessitura que permita outras formas de compreender o caos da guerra. Ao mesmo tempo, seus textos oferecem um conjunto de instrumentos que permitem desencadear reflexões sobre as diferentes dimensões dos conflitos bélicos e, sobretudo, sobre os diferentes posicionamentos individuais diante das práticas discursivas que fundamentam conflitos armados. Nesse sentido, esses produtos culturais oriundos da arte da palavra criam plataformas de reflexão sobre realidades extraficcionais.

2. Duas vozes literárias

Os dois romances que serão discutidos na sequência não restringem sua representação ficcional a uma única guerra. O romance de Florescu retrata um percurso histórico que começa com a Guerra dos Trinta Anos e culmina na Segunda Guerra Mundial, retratando os posicionamentos de uma minoria étnica de origem alemã que se estabelece na Romênia. O romance de Abonji, por sua vez, empreende um esforço semelhante ao abordar a presença fascista na região dos Bálcãs durante a Segunda Guerra e culminando na representação da

guerra civil, dos anos noventa. O foco de análise, neste artigo, recai sobre as passagens que dizem respeito à Segunda Guerra como elemento comum entre os dois romances.

Catalin Dorian Florescu é um autor de origem romena, radicado na Suíça, que escreve em língua alemã. Seus textos apresentam um interesse recorrente em explorar os elos que ligam identidade e o espaço que circunda o indivíduo (GLAVAN, 2017, p. 393). Seu romance *Jacob beschließt zu lieben* (2011) aborda, entre outros conflitos, o envolvimento da minoria de origem linguística alemã na Romênia com o regime nazista. O texto trata igualmente de fluxos migratórios, mas rompe uma expectativa ao não focar na representação de imigrações do século XX e XXI. Ao invés disso, dedica-se a períodos mais remotos, retratando um momento em que o espaço geográfico de língua alemã enviava imigrantes para outras regiões do mundo. A realidade ficcional encena como essa minoria administra as narrativas que emergem do contexto da segunda grande guerra. Os três passos elencados na introdução teórica se revelam com diferentes graus de transparência, na realidade diegética.

Isso vale especialmente para o modo como o regime nazista, em sua ficcionalização no romance, mobiliza narrativas para legitimar suas ações. O romance não foca realmente no envolvimento do governo romeno com a Alemanha nazista, o que também favoreceu a circulação dessas narrativas naquele espaço sociocultural, ao menos por um período, voltando sua atenção muito mais para o modo como a propaganda nazista alcança as minorias de origem cultural alemã, na Romênia. Essa minoria, contudo, é duplamente interpelada: uma vez pela identificação com a origem cultural e sua proximidade com a Alemanha nazista, mas também pelo estado romeno que se alia temporariamente às forças nazistas. O relato fornece indícios de um investimento ativo e racionalizado para que a mobilização narrativa tenha êxito e legitime a guerra. A articulação desse investimento não é escancarada, ocorrendo de forma indireta e em ações paralelas, como ilustra uma passagem que aborda, dentre outros aspectos, a distribuição de uniformes nazistas:

Eles trocaram de lado, por vontade própria. Estavam ansiosos para lutar contra a Rússia, pelo menos desde o verão de 1943, quando o governo romeno admitira que nossa causa era alemã e não mais romena. Eles imediatamente descartaram os uniformes mal ajustados do fraco exército romeno, que nem sequer tinha meios para calçar todos os seus soldados. Depois desembrulharam e vestiram os belos uniformes alemães que lhes caíam como uma luva. Ela ficava bem nele, a juventude de Tribswetter, um pouco sem jeito, mas bem. Os uniformes vestiam bem seu zelo. (FLORESCU, 2011, p. 90-91)².

² “Sie glitten aus freien Stücken hinüber. Sie gierten danach, gegen Russland zu ziehen, spätestens seit dem Sommer 1943, als uns die rumänische Regierung zugestanden hatte, dass unsere Sache deutsch und nicht mehr rumänisch war. Sie hatten sofort die schlecht sitzenden Uniformen der schwachen rumänischen Armee abgelegt,

A citação ilustra como a volição dos membros desse grupo de imigrantes paulatinamente se transforma em alvo de mobilização de estratégias narrativas. Antes desse enfeixamento narrativo, ocorre uma transformação no processo de identificação e pertencimento. Até um certo momento, eles ainda mantêm laços com a narrativa romena. Assim que não encontram mais obstáculos para uma identificação explícita com o regime nazista, eles se utilizam do aparato semiótico de representação para indicar seu novo pertencimento. Tomados por deslumbramento, eles imediatamente vestem os novos trajes para indicar seu posicionamento, no campo dos conflitos bélicos.

Nesse cenário, os uniformes fazem parte da estratégia de mobilização, pois atualizam um conjunto de semas que favorecem a imagem individual. A narrativa nacional por trás da semiótica das vestimentas bélicas faz uma oferta de pertencimento, condicionada à submissão às práticas discursivas defendida por ela. A beleza e o garbo a serem obtidos pelo traje, tão cobiçado pela juventude da pequena cidade romena, têm um preço, qual seja, colocar a vida a serviço dessa narrativa nacional. Com a mobilização da narrativa tendo êxito, a aceitação da guerra e a disposição para o combate emergem como sentido norteador. A volição e a configuração afetiva são mobilizadas, de tal modo que a agência externa (tanto da propaganda nazista como do envolvimento do governo romeno) permanece invisível.

A mobilização narrativa não tarda em ter efeito. Não é somente o uniforme que os imigrantes adotam, eles passam a organizar toda sua realidade social a partir dos instrumentos que essa narrativa fornece. Em outras palavras, suas narrativas do si se nutrem do conjunto imagético fornecido pelo regime nazista:

Irmãos, como vocês sabem, há uma guerra em andamento. A Polônia provocou a Alemanha até que eles não tiveram escolha a não ser se defender. Ainda não sei o que isso significa para nós. [...] Em pouco tempo nos tornamos uma das províncias mais ricas da monarquia. Não foram os romenos ou os húngaros que o fizeram, mas os suábios. Se fosse por eles, apenas algumas ovelhas magras ainda pastariam aqui e só haveria espinhos. Nesta hora importante, todos temos que nos unir e defender nossa pátria e nossas raízes. Proponho que fundemos o Grupo Popular Alemão Triebswetter, o Frauenwerk, o Bund Deutscher Mädchen e o Jugendbund. A liga juvenil deve continuar e acelerar o treinamento militar dos jovens sob a direção do Sr. Kirsch. Para que possam ir à guerra pela nossa causa o quanto antes (FLORESCU, 2011, p. 166)³.

die nicht einmal Mittel hatte, um alle ihre Soldaten zu beschuhen. Dann hatten sie die feinen deutschen Uniformen ausgepackt und angezogen, die wie angegossen saßen. Sie sah fein darin aus, die Triebswetter Jugend, ein wenig steif, aber fein. Die Uniformen kleideten ihren Eifer gut” (FLORESCU, 2011, p. 90-91).

³ “«Brüder, wie ihr wisst, herrscht Krieg. Polen hat Deutschland so lange provoziert, bis man gar keine andere Wahl hatte, als sich zu verteidigen. Was das für uns bedeutet, weiß ich noch nicht. [...] In kurzer Zeit sind wir eine der reichsten Provinzen der Monarchie geworden. Nicht die Rumänen oder die Ungarn haben das geschafft,

A adoção desse conjunto de sentidos começa com a negação de versões alternativas e com a renúncia ao questionamento crítico. Assim, a imagem do país rival é construída com características de inimigo, legitimando a guerra, e o próprio grupo é enaltecido com características de superioridade. Quando crítica séria deixa de ser dirigida ao próprio grupo, cresce a probabilidade de que a narrativa dominante começa a surtir efeitos no sentido de desencadear mobilizações. O grupo de imigrantes não questiona essas versões imagéticas ou identitárias. Pelo contrário, ele dá início a um conjunto de ações com base na narrativa disponibilizada, passando a pensar a própria identidade a partir dos valores e objetivos inscritos nela. Isso inclui o convívio social, o papel de gêneros e o próprio corpo, que se torna objeto de treinamento para servir à narrativa da qual depreendem os sentidos que norteiam sua existência. Com isso, o pertencimento está condicionado à internalização da narrativa que legitima a guerra e a canalização afetiva está organizada, de modo a adotar o ódio narrado como o próprio, isto é, como causa própria.

A adoção dessas narrativas acaba por desembocar no envolvimento com a guerra, produzindo efeitos diretos sobre o cotidiano. Da perspectiva do protagonista, o relato indica o que ocorre na sequência:

Já em 16 de junho, os Aliados lançaram bombas incendiárias sobre nós, enxames inteiros esvaziaram seus intestinos sobre a cidade. As sirenes soaram e não pararam até agosto. Vovô e eu tínhamos vivenciado isso, mas para papai e mamãe a guerra só começou com os russos do lado de fora da nossa janela. Porque nesse meio tempo os Aliados estavam na cidade e os alemães estavam fora (FLORESCU, 2011, p. 98)⁴.

Sabidamente, a primeira consequência da guerra é a intensificação da violência. Nesse caso, as forças aliadas atacam o espaço romeno, por conta de seu apoio estratégico ao regime de Hitler. Os membros da minoria alemã não conseguem realmente identificar as implicações dos acontecimentos, sendo arrastados a um conflito armado, cuja dimensão lhes escapa. Para a

sondern die Schwaben. Wäre es nach denen gegangen, so würden hier immer noch nur ein paar magere Schafe grasen, und es würde nur Dornengestrüpp geben. In dieser wichtigen Stunde müssen wir alle zusammenhalten und zu unserer Heimat und unseren Wurzeln stehen. Ich schlage vor, dass wir die Deutsche Volksgruppe Triebswetter gründen, das Frauenwerk, den Bund Deutscher Mädchen und den Jugendbund. Der Jugendbund soll die militärische Ausbildung der jungen Männer unter der Leitung von Herrn Kirsch fortsetzen und beschleunigen. Damit sie sobald als möglich für unsere Sache in den Krieg ziehen können.» (FLORESCU, 2011, p. 166).

⁴ “Schon am 16. Juni hatten die Alliierten Brandbomben über uns abgeworfen, ganze Schwärme hatten ihre Gedärme über der Stadt entleert. Die Sirenen hatten geheult und bis in den August nicht mehr damit aufgehört. Großvater und ich hatten es erlebt, aber für Vater und Mutter fing der Krieg erst mit den Russen vor unserem Fenster an. Denn inzwischen waren die Alliierten in der Stadt und die Deutschen draußen” (FLORESCU, 2011, p. 98).

concretização identitária, isso significa a exposição a um grau de violência que destrói infraestruturas, impede o abastecimento e, sobretudo, ameaça a existência, estagnando todos os outros projetos existenciais que não estejam voltados à manutenção da vida.

Nesse momento, o grau de agência se reduz a um mínimo, tendo em vista que a família do protagonista acaba interpelada por três macronarrativas: russos, aliados e alemães. Nesse horizonte, a família precisa adaptar todas as tessituras simbólicas que a representam ou que indicam envolvimento com forças inimigas não para investir no recurso do pertencimento, mas sim para minimamente proteger a própria existência. Se antes a mobilização narrativa continha uma promessa de potencialização da autoimagem, nessa situação, ela serve como instrumento para auxiliar na manutenção da vida. Com isso, as lógicas se inverteram, mas sem que os membros dessa minoria realmente tivessem consciência de suas implicações. Já não se trata mais de posicionamentos autonomamente escolhidos, no lugar disso, os indivíduos são posicionados, com um escopo acional substancialmente limitado.

O segundo romance é de Melinda Nadj Abonji. A autora nasceu na região de Voivodina, na Sérvia, de onde sua família emigra para a Suíça, quando ela tem cinco anos. Seu romance *Tauben fliegen auf* (2010) retrata as experiências de imigrantes na sociedade suíça contemporânea e problematiza a fragilidade dos diferentes discursos da nação, como identifica Kazmierczak (2012, p. 2) em sua análise. Nesse bojo, o romance também aborda os conflitos bélicos que assolaram a região dos Balcãs em diferentes momentos, especialmente durante a guerra civil iugoslava, na década de noventa, que corresponde ao presente diegético, mas também a invasão das forças fascistas na segunda guerra mundial, num relato memorial. A discussão que segue foca nos episódios desse segundo conflito bélico, que na realidade diegética é relatado pela avó da protagonista, a partir das experiências de seu marido.

As memórias da avó recuperam a presença das legiões fascistas na região e o modo como diferentes atores sociais se aliam a essas forças, a fim de instalar e manter a narrativa de mobilização que fundamenta essa oferta de sentido. Trata-se de compatriotas que já mobilizaram essa narrativa para sua própria identidade e agora interpelam o avó a que se junte a eles:

Um dos homens deu um passo à frente e disse, sem dizer uma palavra de saudação, sem se apresentar: Kocsis, precisamos de homens como você. Ouvimos dizer que você tem instinto e cérebro. Seus cavalos são os melhores, e o homem elogiou o avô de vocês, mas não havia nada de suave em sua voz, na verdade, ela cortava o ar, sua voz estava acostumada a executar e dar ordens. [...]

Vocês não me são familiares, disse Papuci, após uma pausa que me pareceu incrivelmente longa, por isso não consigo entender bem o que vocês estão dizendo.

Mas talvez vocês possam me explicar, a um humilde camponês, de onde vocês tiraram essas botas brilhantes e sedutoras? (ABONJI, 2021, pp. 251-252)⁵.

Os homens que vêm visitar o avô fazem um trabalho de seleção de novos membros. Ao mesmo tempo, revelam a incorporação do habitus (BOURDIEU, 1983; OLSON, 1995) que os destaca como membros do grupo fascista, especialmente por meio da voz, mas também pelo corte do cabelo, como mostra a próxima citação. Ao contrário dos imigrantes no romance de Florescu, o avô não se deslumbra com a semiótica do poder e da força física. Se no primeiro romance era o uniforme, aqui são as botas que reforçam a submissão de seus usuários à macronarrativa do fascismo. O avô consegue neutralizar o impacto semiótico que acompanha a narrativa, oferecendo resistências, através de questionamentos. Assim, a ironia no epíteto utilizado para se autocaracterizar fragiliza a rede de posicionamentos traçada pelos personagens que o interpelam, pois ele identifica que por trás das botas há estratégias de sedução, isto é, narrativas racionalizadas que buscam colocar atores sociais a serviço de seus interesses.

Dessa perspectiva emerge um posicionamento que justamente não mobiliza a narrativa posta em circulação para idear a própria construção de identidade. Pelo contrário, o avô pensa o si, a partir da diferença:

Tínhamos visitas quase todas as semanas. Eram sempre homens diferentes, usavam sempre as mesmas botas e o cabelo na nuca deles estava cortado rente para que nem o vento pudesse aproveitar, disse Papuci. Toda vez perguntavam se ele havia mudado de ideia, Papuci sempre os provocava com algum tipo de dizer, olha, não tenho lugar para as ideias alheias, estou feliz com o que tenho, o que há de errado nisso? Sem dizer uma palavra, os homens levavam um cavalo, dois porcos ou carregavam parte de nossa colheita de milho ou trigo em uma carroça (ABONJI, 2021, p. 252-253)⁶.

A não mobilização, contudo, não ocorre sem conflitos. O desequilíbrio de poder influencia como as diferentes narrativas podem circular e se articular no contexto sociocultural

⁵ “Einer der Männer trat vor, sagte, ohne ein Grusswort, ohne sich vorzustellen: Kocsis, wir brauchen solche Männer wie dich. Wir haben gehört, dass du Instinkt hast und Verstand. Deine Pferde sind die besten hier in der Gegend, und der Sprecher lobte euren Grossvater, aber seine Stimme hatte nichts Weiches, sie zog sich vielmehr schneidend durch die Luft, seine Stimme war es gewohnt, Befehle auszuführen und zu geben. [...]”

Ihr seid mir nicht vertraut, sagte Papuci, nach einer Pause, die mir unglaublich lange vorkam, so kann ich mit dem, was ihr sagt, nicht viel anfangen. Aber vielleicht könnt ihr mir, einem einfachen Bauern, verraten, woher ihr diese verführerischen, glänzenden Stiefel habt?“ (ABONJI, 2021, p. 251-252).

⁶ “Wir bekamen fast wöchentlich Besuch. Immer waren es andere Männer, immer trugen sie dieselben Stiefel, und ihr Haar im Nacken war kurz geschoren, damit nicht einmal der Wind sich an ihm erfreuen kann, sagte Papuci. Jedes Mal fragten sie ihn, ob er sich’s überlegt habe, und stets stachelte Papuci sie mit irgendeinem Spruch an, seht her, ich habe keinen Platz für die Ideen von anderen, ich bin zufrieden mit dem, was ich habe, was ist daran auszusetzen? Wortlos führten die Männer ein Pferd ab, ein paar Schweine oder verluden einen Teil unserer Mais oder Weizenernte auf einem Wagen“ (ABONJI, 2021, p. 252-253).

de sua produção. A recorrência das visitas ilustra que os agentes da narrativa fascista perseguem uma política sistematizada de implantação de sua visão de mundo, buscando conquistar a todos aqueles que ainda não têm um posicionamento em consonância com seus objetivos. Ao mesmo tempo, passam a mostrar o escopo de seu poder por meio da apropriação indevida dos bens daqueles que se revelam indóceis.

O avô afirma sua autonomia, ao indicar que possui a habilidade de organizar suas próprias narrativas, usando suas habilidades intelectuais sem permitir a ingerência alheia. Com isso, ele também define esferas de pertencimento. Na verdade, ele mostra reiteradamente que não depreende sua sensação de pertencimento da oferta narrativa provida pelas forças fascistas. No lugar da aquiescência à estratégia de canalização afetiva e física prevista por essas forças, ele articula outra modalidade de pensar o si e seu ser no mundo.

A afirmação da agência individual nesse contexto, no entanto, encontra um comportamento pautado por diferentes formas de provocação e boicote, com a finalidade de coagir o avô e sua família à adoção da narrativa do mais forte. Nesse horizonte, a não mobilização da oferta narrativa tem um preço alto, pois não envolve somente a concretização existencial do próprio avô, estendendo-se igualmente para os outros membros da família. O avô não reage ao roubo sistematizado empreendido pelas forças fascistas, por conhecer a limitação de suas capacidades. Embora seus filhos se revoltam, ele não dá esse passo, ciente do desequilíbrio de poder. Assim, ele adota um posicionamento, ao não mobilizar a narrativa disponibilizada, mas também ao não afrontar explicitamente aqueles que detêm o poder, tendo em vista as possíveis consequências.

A sequência do relato mostra a arbitrariedade e a dimensão dos riscos, o que o avô avaliou com acerto:

Tio Lajos, um dos numerosos tios de Papuci, trabalhava com os fascistas, bem no topo, você devem saber disso. Ele nunca veio nos ver, mas provavelmente foi ele quem impediu Papuci de ser morto pelos ‘nucas nuas’, como nós os chamávamos. O avô de vocês ainda foi convocado, ele portanto teria que ter lutado pelos fascistas em algum lugar da Rússia, mas isso nunca aconteceu porque a situação mudou abruptamente depois de Stalingrado (ABONJI, 2021, p. 253)⁷.

⁷ “Onkel Lajos, einer von Papucis zahlreichen Onkeln, mischte bei den Faschisten ganz oben mit, das müsst ihr wissen. Er liess sich zwar nie bei uns blicken, aber wahrscheinlich war er es, der verhinderte, dass Papuci von den ‚Nacktnacken‘, wie wir sie nannten, getötet wurde. Euer Grossvater wurde zwar noch einberufen, er hätte also für die Faschisten irgendwo in Russland kämpfen müssen, aber dazu kam es nicht mehr, da sich die Verhältnisse nach Stalingrad schlagartig änderten“ (ABONJI, 2021, p. 253).

A oferta narrativa feita pelas forças fascistas desemboca na ação bélica. O grau de êxito de sua oferta se revela, por exemplo, no modo como familiares do avô se envolvem com os novos agentes do poder, mobilizando suas energias a favor dessa narrativa. A influência do tio, contudo, também impede que ele seja sumariamente assassinado por sua resistência, mas não evita que seja convocado para participar de uma guerra com cujas motivações e finalidades não compactua. Sua participação ativa na guerra acaba frustrada, por conta de eventos que já não estão no controle desses agentes.

Para sua concretização de identidade, a irrupção da guerra apresenta algumas consequências de peso. Assim, a participação da guerra parece ser a concessão feita para que o avô permaneça vivo. Se antes sua agência já se encontrava limitada por conta das reiteradas incursões das forças fascistas em sua vida privada, nessa situação ela se fragiliza ainda mais, pois ele parece não ter outra opção, a não ser se envolver para que possa sobreviver. Sua concretização identitária já não resulta de suas decisões ou de seus planejamentos, transformando-se muito mais em produto das visões de mundo de terceiros.

Ao contrário do romance de Florescu, em que as personagens escolhem participar da guerra por afinidade e identificação com a narrativa que circula em seu espaço sociocultural, o romance de Abonji mostra uma outra dimensão, em que o indivíduo já não tem agência para escolher e definir seu percurso existencial. Em ambos os textos, a irrupção da guerra desencadeia uma série de acontecimentos que fragilizam substancialmente o escopo acional das personagens, especialmente diante do confronto com um grau de violência e destruição não previstos por eles. Nesse horizonte, eles já não têm mais controle sobre seus posicionamentos, pois o caos da guerra desintegra todos os norteamientos do convívio social.

Considerações finais

Os romances de Florescu e Abonji ilustram dimensões importantes da guerra. Em ambos os textos, a realidade diegética encena como ofertas narrativas macrossociais interpelam personagens, com a finalidade de mobilização de sua energia acional e afetiva para objetivos bélicos. As respostas a essas interpelações são diversas: no romance de Florescu, as personagens acolhem a oferta e a inserem em suas construções identitárias individuais. No romance de Abonji, ocorre o contrário, quando a personagem do avô oferece resistência à oferta, recusando a adoção dos sentidos previstos por essa narrativa. Em ambos os textos, a

eclosão da guerra muda radicalmente o modo como as personagens concretizam sua identidade, dada a intensificação da violência e da destruição.

A reflexão sobre a representação ficcional de guerras não se limita a problematizar seu nexos com a identidade. Essa abordagem, contudo, se revela especialmente profícua, pois discute como indivíduos se posicionam diante das ofertas de sentido que o mundo faz. Conflitos bélicos são formas de gerir o sentido. Essa gestão ocorre com a instauração de uma macronarrativa que interpela indivíduos a adotar a visão de mundo que a fundamenta, incitando-os a mobilizar seus sentidos na concretização da própria identidade. Essa modalidade da gestão de sentidos também tem consequências, em forma de confronto com violência, destruição da ordem, barbárie.

Textos literários podem desencadear revisões e questionamentos das ofertas de sentido que circulam em diferentes espaços socioculturais. Nesse cenário, a metodologia comparatista representa um instrumento profícuo de análise, pois permite identificar e discutir diferentes perspectivas sobre a guerra e sobre suas consequências. Esses conhecimentos desbravam alternativas para a compreensão do convívio social e para fenômenos que caracterizam a virada do milênio como a intensificação de fluxos migratórios.

Referências bibliográficas

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ABONJI, Melinda Nadj. *Tauben fliegen auf*. München: dtv Verlagsgesellschaft, 2021.

BIZULEANU, Dana. Exploring Diversity: The Literature of Migration. *Caietele Echinox*, v. 30, p. 77-87, 2016.

BOURDIEU, Pierre. *Sociologia*. Organizado por Renato Ortiz. Tradução: Paulo Montero e Alícia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983.

FLORESCU, Catalin Dorian. *Jacob beschließt zu lieben*. München: C. H. Beck, 2011.

GLAVAN, Gabriela. Revisiting the Eastern European Provinces: Homelands and Homecomings in Catalin Dorian Florescu's Novels. *Orbis litterarum*, v.72, n. 5, p. 384-410, 2017.

HANSEN, Klaus P. *Kultur und Kulturwissenschaften*. Tübingen e Basel: A. Francke Verlag, 2003.

KAZMIERCZAK, Madlen. Nation als Identitätskarte? Zur literarischen Auseinandersetzung mit ‚Nation‘ und ‚Geschichte‘ bei Marica Bodrožić und Melinda Nadj Abonji. *Germanica*, 2012, v. 51, p. 21-33, 2012.

KEUPP, Heiner et alia. *Identitätskonstruktionen*. Das Patchwork der Identitäten in der Spätmoderne. Reinbek bei Hamburg: Rowohlt, 2002.

OLSON, Kevin. Habitus and Body Language: Towards a Critical Theory of Symbolic Power. *Philosophy & Social Criticism*, v. 21, n. 2, p. 23–49, 1995.

SELIGMANN-SILVA, M. Literatura e trauma. *Pro-Posições*, v. 13, n. 3, p. 135–153, 2016.

Recebido em 22 de março de 2022

Aceito em 24 de agosto de 2022